

RODRIGO OCTAVIO



● SONHOS FUNESTOS ●

DRAMA DE ASSUMPTO COLONIAL

em tres actos e quatro quadros



LAEMMERT & C., Editores

RIO DE JANEIRO — S. PAULO

1895

DO MESMO AUTOR :

(OBRAS LITTERARIAS)

- Pampanos** — Versos de 1884—1885—G. Leuzinger & Filhos—1886, 1 vol.  
**Poemas e Idyllios** — versos de 1886 — Moreira Maximino & C.—1887,  
1 vol.  
**Aristo** — novella—typ. da *Tribuna Liberal*, 1889, 1 vol.  
**Festas Nacionaes** — educação civica — 7º milheiro, editores Alves & C  
—1891, 1 vol.

A PUBLICAR :

- Venus sertaneja** — novella.  
**Foi um dia...** volume de contos.

RODRIGO OCTAVIO

SONHOS FUNESTOS

DRAMA DE ASSUMPTO COLONIAL

em tres actos e quatro quadros



LAEMMERT & C., Editores

RIO DE JANEIRO — S. PAULO

1895

Companhia Typographica do Brasil, rua dos Invalidos, 38

A SAUDADE RECOMENDAÇÃO DE

Silva Braga,

Erico da Costa

e

Dias da Rocha,

quartel de camaradagem de honra patriótica, guerra e soldadagem, cujas  
letras são feitas, na ordem em que se avizora a morte.



## DUAS PALAVRAS

A este meu drama já foi conferida a honra da publicação na interessante *Revista Brasileira* tão superiormente dirigida pelo nosso illustre patricio José Verissimo.

Quando, nos primeiros dias do corrente anno, appareceu, fil-o anteceder das linhas que seguem e cuja leitura convem ser feita :

«O trabalho que venho agora apresentar á grande luz da publicidade, não é novo e não é completamente meu.

«Não é completamente meu, porque as scenas que os alexandrinos, que vão ser lidos, vestem e animam, foram enredadas em torno de um episodio lendario que foi uma das primeiras leituras romanticas da minha meninice. A graciosa e primitiva figura dessa que nos meus versos se chama Luzia, viveu por muitos annos, nitida e pertinaz, no meu espirito, através da evolução de sua cultura, graças á commovedora impressão que me ficou dessa historia simples de sonhos e de crendices. O leitor curioso encontrará nas paginas do livro das *Lendas e Romances*, de Bernardo Guimarães, o illustre poeta e romancista mineiro, as primeiras linhas deste meu trabalho que assim não é completamente meu.

« Não é novo o meu drama ; tive-o na gaveta por tempo que ultrapassou o do preceito horaciano. Somente, todo esse tempo não gastei-o eu no esforço de o aperfeiçoar e de o tornar digno da leitura do proximo, como o recommenda o velho mestre. Preoccupações e estudos de outra natureza desviaram-me completamente dos estudos e preoccupações literarias e artisticas. Este drama dos *Sonhos Funestos* apparece hoje quasi como foi

composto em dezembro de 1887, ao tempo em que me bailavam no espirito as fantasias dos 21 annos e as esperanças dos primeiros dias de vida official. Eu era a esse tempo promotor publico em Santa Barbara, pitoresca cidade do interior de Minas, situada no ja depauperado coração da zona aurifera.

« A triste contemplação daquelles campos sáfaros e daquellas collinas devastadas, revestidas de pequenos montões de cascalho e pedras, numa argamassa indestructivelmente consolidada pelo suor e pelo sangue dos submissos escravos e dos exploradores gananciosos, abriu em minha imaginação trabalhada pela saudade dos que me ficaram longe e pela poesia de um isolamento quasi monastico, a paizagem opportuna para a composição das scenas cujos personagens eram antigos companheiros da minha insomnia romantica.

« Em algumas noites de vigilia os versos dos *Sonhos Funestos* ficaram escriptos, quasi como eu os apresento agora, esperando da generosidade dos leitores a desculpa das incorrecções do trabalho. »

Rio, Março, 1895.

## PERSONAGENS

D' ALIPIO MANOEL DE VILHENA, moço fidalgo, grande proprietario de minas de ouro.	MARIAHNA, sua mãe.
MILITÃO, velho escudeiro.	FERNANDO, primo e noivo de Luzia.
LUZIA.	FREI ANTONIO, franciscano.
	JACINTHA, velha escrava.

## MINEIROS E ROCEIRAS

A acção desenvolve-se em principios do seculo passado, na Capitania, de Minas Geraes proximidades da antiga Villa Rica (Ouro Preto).



## ACTO PRIMEIRO

Paizagem agreste. Ao fundo, escarpadas serranias. A' direita, uma ponta de bosque e um amontoado de grandes pedras. Crepusculo.

### SCENA I

D. ALÍPIO E MILITÃO

D. Alipio

Descanemos aqui nesta pedra. Declina  
O sol e eu amo ver esta alegre campina  
Mergulhar-se na luz de um crepusculo triste!  
Pouco a pouco adormece a terra! Não existe  
Espectaculo assim tão bello na cidade!  
Possa eu nos campos ter essa felicidade  
Que não tenho encontrado ainda neste mundo.  
Tanta gente é feliz, sem conforto, no fundo  
De um albergue e entretanto, em palacio opulento  
Eu não tenho o que goza esse que dorme ao vento,  
A' chuva, ao temporal sob humidas folhagens  
E tendo unicamente estas bellas paizagens  
E a luz de um meigo olhar como encantos da vida...  
A alma sente-se bem nestes ermos perdida,  
E dorme, dentro em nós, como uma ave no ninho...

O gorgueio é um consolo, o perfume é um carinho,  
E enquanto a alma descança o nosso olhar de poeta  
A adejar, a adejar como uma ave inquieta,  
Paira ali, paira além, contemplando esta bella  
E prodiga natura em que Deus se revela...

Militão

Que dizeis, D. Alipio ?

D. Alipio

Eu contemplo a belleza  
Que a meus olhos ostenta a rica natureza...  
Que mortal não se inspira ante este panorama ?

Militão

E' bello realmente...

D. Alipio

E minha alma se inflamma  
Quando ás tardes alcanço esta collina agreste...  
Lá em baixo um manto verde a pradaria veste,  
E surgem os perfis das negras serranias...  
Tu tambem, Militão,

Militão

Senhor !

D. Alipio

Não aprecias  
A belleza sem par, destas paizagens ?

Militão

Certo,

Muito aprecio, sim ! Mas o viver deserto,  
Solitario que aqui vós levais, D. Alipio,  
E' o que extranho somente; eu pensava a principio  
Que essa resolução que tomastes não era  
Mais que uma fantasia, um sonho, uma chimera...

D. Alipio

Não me suppunhas tu, capaz?...

Militão

Mas creio agora...  
O rapaz mais gentil que em Vila-Rica mora,  
Quasi um principe...

D. Alipio

Olá!

Militão

Resolver de repente  
Abandonar a Villa, a festança frequente,  
As morenas, o amor, os companheiros, tudo  
Para se vir metter nesse retiro mudo  
E viver solitario uma vida de monge...

D. Alipio

Que achas nisso de mais, Militão ?

Militão

Eu bem longe

Estava de suppôr que tal acontecesse...  
E em vosso pai tambem o espanto, ao que parece,  
Não foi pequeno.

D. Alipio

Sim ? Falou-te a tal respeito?...

Militão

Disse-me vosso pai que não achava geito  
De realizardes vós o desejo exquisito...

D. Alipio

Hão de ver ! Para aqui me mudei... Tenho dito !  
Estou farto da vida ephemera das salas,  
Tenho tédio da côrte, abomino estas gallas...

Detesto os imbecis que me ceream e illudem,  
De cujos labios vis só lisonjas expludem...  
Ennoja-me esse amor das mulheres perdidas,  
Sem pudor, cujo beijo abre o corpo em feridas...  
Fiz eu mal em deixar essa existencia abjecta?...

Militão

Pondes negro de mais nas cores da palheta...  
Carregais muito a mão no que pintaes, porquanto  
Nem tão mal vae o mundo...

D. Alipio

E' o que pensas...

Militão

Em breve voltareis á vida primitiva...  
Num ermo assim não ha mortal que muito viva  
Sem seria distracção que o preocupe.

Entanto

D. Alipio

Que te enganas, verás...

Creio

Militão

Disso não me arreceio.  
Cedo virá pôr termo a esse desterro triste  
A inconstancia feliz do vosso genio.  
*(ouve-se ao longe um sino)*

D. Alipio

Ao toque deste sino o trabalho termina :  
E' o descanço que vem... Por hoje, aquella mina  
Me não dará mais ouro... Olha, surgem agora  
Os mineiros da guela horrorosa...

Ouviste?

Militão

Apavora

Esta scena... parece uma visão do inferno...  
Legião condemnada a um soffrimento eterno...  
*(passam ao fundo, aos grupos, trabalhadores que voltam da mineração)*

D. Alipio

Eil-os! vão repousar! que inveja! Satisfeitos  
Caminham dois a dois! Ferve amor nesses peitos!  
E em mim, como em deserto onde essa flor não medra,  
Tudo parece ser do que é feita esta pedra!  
Sou nobre! Meus avós vêm de remota idade...  
A origem de meu nome está na antiguidade  
Da historia portugueza! Um meu antepassado  
Em Africa morreu do joven Rei ao lado...  
Em cem batalhas, cem dos meus avós lutaram  
E para Portugal a gloria conquistaram!...  
Sou fidalgo!... Sou rico!... estas serras fecundas,  
O ouro todo que está nestas entranhas fundas,  
E' meu, sómente meu! Isto que em roda vejo,  
Tudo! para ser meu basta um simples desejo...  
Muito perto d'aqui, no meu palacio, dorme  
A colossal fortuna, o meu thesouro enorme!  
E estes homens que vão contentes, trabalharam  
Para mim! Para mim seus corpos se cançaram!  
Tiram ouro da terra? ouro tiram do lodo  
Dos corregos? E' meu esse ouro todo, todo...  
Sou rico e entretanto, eu invejo o que é pobre...

Militão

Mas se fosseis plebeu, quereis ser nobre!  
Esta é a lei fatal dos homens; com a sorte  
Nunca se está contente e assim nos chega a morto...

D. Alipio

Quantos em Villa-Rica invejam-me os amores,  
Têm ciumes de mim... e os negros dissabores  
Que me affligem não têm...

Militão

Vossos dotes são tantos,  
Rico, moço e gentil... todo cheio de encantos  
E do capitão-mór descendente, em verdade  
Um ente mais feliz não pisa na cidade!

D. Alipio

E a minha alma de tédio emtanto vive presa...  
E eu venho procurar na grande natureza  
Para o corpo descanso e conforto para a alma...  
Como repousa agora a natureza calma...  
Que aprazível a vida entre estas serranias...  
Ceus azul! sei que tu pesares allivias!  
Sei que o ar da manhan dá vida e revigora!  
Eu quero allivio, ceus! eu quero, luz da aurora!  
Mais forças e mais vida! E' preciso que eu ame!  
Que dentro do meu peito uma paixão se infiammo...  
Que eu sinta palpitar meu coração, que eu sinta  
Palpitar junto a mim um peito que não minta...  
Do ephemero prazer estou já saciado...  
Quero amar! quero amar! porque eu não tenho amado...

Militão

Eu não vejo razão para tanta agonia!  
No que dizeis, senhor, ha muita poesia...

D. Alipio

Não conheces o tédio, é por isso...

Militão

Sou velho

E vosso amigo.

D. Alipio

Eu sei.

Militão

Permitti-me um conselho.  
Fiel a vossa casa eu sou desde criança  
E amor a vossos pais me veio como herança.

D. Alipio

Eu sei, meu velho amigo!

Militão

Atendei-me um minuto:  
Nenhum cultivo tem meu espirito bruto,  
Mas comprehendo, senhor, que é mão esse caminho...  
Nada vos falta, é certo: opulencia, carinho  
Na familia e ante vós um futuro risonho...  
E viveis triste emtanto, é que viveis num sonho...  
Quereis um outro mundo? o tédio vos tormenta?...  
Contentai-vos com este... Um mundo não se inventa!...  
Não dura eternamente a vossa juventude.  
Alegrai-vos, mancebo! Alegria é saude...

D. Alipio

Aos teus olhos então, que tenho eu?

Militão

Sois um doente...

D. Alipio

E o remedio?

Militão

E' sorrir, é brincar, é contente  
Levar avante a vida entre risos e festas.  
O espirito entregai a occupaões honestas...  
Eis o remedio...

D. Alipio ( com ironia )

Bravo!... Ah!... Ah!... Ah!... Não sabia  
Que eras assim versado em san philosophia...  
Que grande professor está perdendo o mundo...

Militão

Gracejaes?!... ( desconcertado ).

D. Alipio ( ironico )

Não gracejo!... E's um sabio... e profundo...  
Respeito voto agora á tua sapiencia...  
Mestre...

Militão

Vós gracejaes, meu senhor, paciencia...  
afasta-se ao fundo

D. Alipio ( ironico )

Não gracejo, por Deus! admiro e tenho pena,  
O' mestre que a lição fosse hoje tão pequena...  
Não queres continuar? Pois apenas lamento  
Que negues á minha alma um tão forte alimento...  
estende-se na relva

E que fazer agora? E' cedo, reflectamos  
Desta arceira em flor sob os doirados ramos...  
reclina-se na relva e depois olha como quem procura distinguir alguma coisa.  
Não me engano... Não vês, ó Militão, lá em baixo  
Um vulto de mulher á margem do riacho?

Militão

Sim, vejo. Quem será que tão longe vagueia?...  
Acaso existirá por perto alguma aldeia?..

D. Alipio ( levantando-se )

Caminha o vulto...

Militão

E' moça...

D. Alipio

E graciosa, parece...  
E' a primeira vez que tal cousa acontece,  
Encontrarmos assim a horas taes, passeiando,  
Um vulto solitario a scismar, caminhando...  
Para cá se dirige agora...

Militão

Cousa extranha...  
E' quasi uma criança...

D. Alipio

E só, nesta montanha...  
Farejo, velho amigo, uma aventura nisto...  
Colloca-te em lugar onde não sejas visto  
E ao primeiro sinal vem a mim com presteza.  
Militão sai, D. Alipio occulta-se entre umas pedras que formam uma gruta.  
O dia não perdi... cá tenho a minha presa...

## SCENA II

LUZIA e depois D. ALIPIO

Luzia ( entrando )

Deve ser por aqui minha gruta encantada...  
Nesta escarpa talvez... talvez nesta quebrada...  
Minha estrella bemdita ha de mostrar-m'a ainda...  
Tenho fé... Que não mente uma visão tão linda  
Que não me engana o sonho eterno que me prende,  
Que brilha dentro em mim como uma estrella explende

Na infinita savana azul do firmamento...  
 Tenho fê... Minha mãe! talvez neste momento  
 Estejas a chorar, pensando-me perdida...  
 Tenho fê que hei de achar minha gruta escondida  
 Entre as vegetações destes serros agrestes...  
 Hei de achar-a... Meus pés, mensageiros celestes  
 Guiam sobre a extensão destas negras montanhas...  
 Descerei às da terra ubérrimas entranhas...  
 Aos cumes subirei mais altos e escarpados  
 E hei de a gruta encontrar dos meus sonhos doirados...  
 E dentro o meu thesouro e guardando o thesouro  
 O príncipe ideal de longa coma de ouro,  
 Que em meus sonhos eu vi, formosíssimo e nobre...  
 Espera, minha mãe!... vais deixar de ser pobre,  
 Espera um pouco ainda... em breve serei tua...  
 Vai o sol na agonia, antes que nasça a lua  
 Serei contigo, ó mãe! e para sempre, agora  
 Vou seguir a visão que minh'alma devora...  
 (procurando)

Talvez neste alcantil... nesta escarpa.. Uma gruta!...  
 Meu Deus! porém, que vejo?... um homem que me escuta...  
 Minha mãe! minha mãe!

D. Alipio

Porque foges, menina?...

Conta-me antes porque nesta longe collina  
 Vagueias a scismar como uma fada errante...  
 Quem buscas?... que lugar incognito e distante  
 Procuras? Fala! Eu sou, como bem vês, amigo...  
 Si te perdeste, vêm! confortavel abrigo  
 Acharás muito perto e amanhan o almocreve  
 Levar-te-á onde tu quizeres que te leve...

Luzia

Senhor, não me perdi...

D. Alipio

Mas que fazes?

Luzia

Passeio ..

Vim de casa seguindo o tortuoso vejo  
 De um correjo ..

D. Alipio

Ah! Então muito longe não moras?

Luzia (ingenuamente)

Não sei; tão distrahida eu vinha...

D. Alipio

Pois ignoras

A distancia em que estás do lugar em que vives?

Luzia (confusa)

Tantas grotas entrei, desci tantos declives...

D. Alipio

Onde moras?

Luzia

Senhor, na Aldeia-Nova...

D. Alipio

Onde?...

Na Aldeia-Nova? Tu? e passeias?... Responde!...  
 Essa aldeia d'aqui duas leguas já dista...  
 A serra em que ella está já se perdeu de vista...  
 E é quasi noite já...

Luzia

E o caminho é medonho...

D. Alipio

Mas onde ias?

Luzia

Senhor, em busca do meu sonho...

D. Alipio (surpreso)

De um sonho?

Luzia

Sim, de um sonho e de uma gruta de ouro  
Onde escondido dorme encantado thesouro!

D. Alipio (á parte)

Que galante aventura!

Luzia

Oh! de mim não se ria!  
Muito criança eu sou! Minha mãe bem dizia!  
Quem dá credito mais aos sonhos! no entretanto  
Acreditei nos meus, querida mãe! e o pranto  
Te deve estar banhando as faces enrugadas...  
Que horas de acerba dôr essas horas passadas  
Na minha ausencia, ó Deus! Perdão!..

D. Alipio

Porém, escuta...  
Não desesperes já; conta-me o sonho, a gruta,  
O thesouro...

Luzia

Senhor! eu sou muito criança...  
Muito, muito...

D. Alipio

Porém, tu perdes a esperança?  
Conversemos, recita a tua historia; é cedo:  
Inda ha luz pelo ceu e aves pelo arvoredado...

Luzia

Minha historia, senhor, é uma historia bem triste...  
Meu pai, meu pobre pai que, ha muito, não existe,  
Ao morrer nos deixou em extrema pobreza:  
Uma casa de palha, a pequena deveza  
E umas vaccas sómente... era tudo o que tinha...  
Minha mãe, desgraçada e misera velhinha!  
No trabalho passava o dia todo e eu via  
Ella aos poucos morrer, definhar dia a dia...  
Eu me desesperava e que fazer? Fiava  
Todo o dia na roca o algodão que a abrigava  
Do frio e quando vinha a tarde, uma tristeza  
Infinita inda mais lhe augmentava a fraqueza...  
Sempre a tarde meu pai tirava da viola  
Voz mais doce que a voz da triste pomba rola...  
E cantava, de casa á porta, horas inteiras  
Ou sentidas canções ou cantigas ligeiras...  
Era um doce viver, esse viver de outr'ora  
E minha mãe, de tarde, a recordar-se, chóra...  
— Tive um sonho uma noite, um sonho extravagante:  
Sonhei que a passear de casa não distante  
Descobrira uma gruta entre flores mettida,  
E que entrando lá dentro, uma enorme jazida  
De ouro encontrára; logo os meus olhos brilharam  
De prazer e de prompto, á mente me assaltaram  
Mil ideias... Deixar de ser pobre... a fortuna...  
E bem longe, bem longe a miseria importuna...  
E minha mãe gozando o resto da existencia...  
A miseria trocada em excelsa opulencia...  
Minha gruta occultava um collossal thesouro:  
Ouro por toda a parte; em cima, aos lados, ouro...  
Ouro no chão: sómente ouro dentro se via...  
Ajoelhei-me e oração fervorosa á Maria,

A' Santa Virgem Mãi dirigi, soluçando...  
 Eu de prazer chorava e, de repente, quando  
 Me ia embora, ante mim surge um dragão horrendo,  
 Do fabuloso olhar chamma arremettendo...  
 Despertei a chorar e a minha mãi, bem cedo,  
 O sonho narrei todo: ella tremeu de medo...  
 Que eram artes do inferno e que eu rezasse, para  
 Que o diabo deixasse o meu corpo onde entrara...  
 Todo o dia rezei, mas á noite, entretanto,  
 Vi-me de novo lá, no escondido recanto  
 Em que dormia a gruta: o sonho me voltava...  
 Entrei, tudo era o mesmo... o thesouro lá estava...  
 A' saída, porem, em vez do monstro horrendo,  
 Meu attonito olhar viu surgir de repente  
 Um maneebo ideal, um principe formoso  
 Que muito me falou, com tal modo amoroso,  
 Com tão suave fala e gesto commovido  
 Que eu ainda tenho a voz do principe no ouvido...

D. Alipio

E' singular...

Luzia

Contei á minha mãi o sonho...  
 Ella poz-se a chorar de modo tão tristonho...  
 Que eu estava perdida e o diabo do inferno  
 Era o proprio a falar desse modo assim terno...  
 Que eu rezasse e rezou por mim tambem, coitada!..  
 Mas á noite, de novo, a visão costumada!...  
 O mesmo sonho tive e o principe formoso  
 Lá estava e me falou com gesto carinhoso...  
 Nada a mamãi contei: era affligil-a apenas...  
 E eu não podia crer que expressões tão serenas,  
 Que um tão bello dizer, que um porte tão risonho  
 Fossem obra do inferno... acreditei no sonho...  
 E em passeios, á tarde, a gruta eu procurava,  
 As montanhas subia, os abysmos sondava,  
 Certa de que acharia a minha gruta de ouro,

Toda a minha fortuna e o meu principe louro...  
 De tarde andava em busca e, logo que dormia,  
 A encantada visão meu espirito enchia...  
 Comecei a alongar meus passeios, primeiro  
 Pouco a pouco, depois, passei um dia inteiro  
 Nas serras a vagar: tinha na alma a certeza  
 De encontrar minha gruta em escusa deveza...  
 Um dia demorei demais o meu passeio,  
 Minha mãi, assustada, ao meu encontro veio  
 E perguntou-me de onde é que a taes horas vinha...  
 — Que eu não tinha juizo; andar assim sosinha  
 Pelas serras além, era grande loucura...  
 Eu lhe disse, a sorrir, que estivera á procura  
 Da gruta do meu sonho, ella clamou, chorando,  
 Que por amor de Deus, sempre eu rezasse quando  
 Me voltasse á memoria este sonho maldito...  
 Rezei... porém debalde... assim estava escripto...  
 Contive-me algum tempo; hoje, porém, bem cedo  
 Atirei-me a correr pelas serras, sem medo,  
 Firme de não voltar á minha casa enquanto  
 Não achasse o lugar do meu sonhado encanto...

( pausa )

Vim aqui na intenção de ir ver aquellas grotas  
 Abertas no pendor destas serras remotas...  
 Porém...

D. Alipio

Queres saber uma grande verdade?

Luzia

A gruta?! A gruta!?!...

D. Alipio

Sim!... Antes que a claridade  
 Do sol se apague, tu has de entrar nessa gruta...

Luzia ( apontando-o )

E o principe?!...

D. Alipio  
Sou eu!...

Luzia  
Vamos!

D. Alipio  
Primeiro escuta!...  
Tambem me traz aqui um sonho...

Luzia  
Sim!...

D. Alipio  
Criança!  
Mas um sonho de amor! um sonho de esperança!

Luzia  
De amor?!...

D. Alipio  
De amor! Sonhei que tendo repousado  
Dos ardores do sol sobre uma pedra, ao lado  
Surgiu-me de repente uma visão formosa,  
Uma fada gentil de faces cor de rosa,  
Que me fez com amor adormecer sorrindo...  
Sonhei, e a fada tinha o teu rosto, anjo lindo,  
Eras tu que em meu sonho a cada instante eu via...  
Como te chamas tu?

Luzia  
Eu me chamo Luzia...

D. Alipio  
Luzia!.. era esse mesmo o nome que eu te dava!  
Tu buscavas a mim, eu a ti te buscava...  
Vamos, meu doce amor!

Luzia  
E a gruta?..

D. Alipio ( apontando o horizonte )  
Olha, querida!  
Morre o sol! para nós agora nasce a vida!  
( saem, mãos dadas )

## SCENA III

MARIANNA, ROCEIRAS E MINEIROS

1ª Roceira  
Vamos!

Marianna  
Não posso mais!

1º Mineiro  
Talvez por este lado...

Marianna  
Eu morro de fadiga...

2º Mineiro  
Olha aquelle vallado  
Estenso, vamos lá?

2ª Roceira  
Senta-te, Marianna!  
Descança! Tua filha ha-de em tua cabana  
Passar contigo a noite!

Marianna

Amiga, que me dizes?

E' dos bons consolar os tristes infelizes...

Minha filha, porém, para sempre eu perdi-a...

1º Mineiro

Não desespere assim!

Marianna

O' Luzia, Luzia!

Nunca mais te verei!

1ª Roceira

Mas não perca a esperança!

2ª Roceira

Elle ha de apparecer...

Marianna

Qual, amiga! a criança

Ha muito que não tinha o juizo assentado...

Sei que espiritos máos lhe tinham penetrado

O corpo, ultimamente e que ella, coitadinha!

O minimo poder sobre si já não tinha...

1ª Roceira

Santo Deus!

Marianna

Era um sonho...

2ª Roceira

Um sonho?

Marianna

De uma gruta encantada e de um bicho medonho  
De olhos de fogo!...

Sim, um sonho

1ª Roceira

Cruz! Credo!

1º Mineiro

Santa Maria!

E depois?

Marianna

E depois andava todo a dia  
Estas lavras além, esta serra em procura  
Da gruta cheia de ouro...

2º Mineiro

O' meu Deus! que loucura...

Em risco de rolar nestes despenhadeiros...

E hoje, como saiu?...

Marianna

Hoje, logo aos primeiros  
Momentos da manhan, ella saiu dizendo  
Que ia dar um passeio ao campo; foi correndo  
A saltar, a cantar e eu fiquei distrahida,  
A' janella, a pensar nas cousas desta vida...  
Quando senti assim como um presentimento  
O peito me apertando e um triste pensamento  
Tomou-me o coração, encheu toda a minha alma...  
Não sei no que pensava... abandonou-me a calma.  
Chamei por minha filha; ella, porém, já estava  
Longe e não mais ouviu o meu grito. Eu chorava  
De desespero, afflicta!... Alguma cousa havia  
Dentro em mim a dizer que eu não mais a veria...

Triste á casa voltei : puz-me a esperar por ella.  
 De balde horas passei olhando na janella...  
 Minha filha não vinha e eu, já desesperada,  
 Atirei-me a correr como uma allucinada...  
 Era já meio dia e eu, de cansaço morta,  
 Para casa voltei : estava aberta a porta...  
 Tinha-a deixado aberta ! Olhei todos os cantos,  
 Procurei e afinal, aos meus queridos santos  
 Volvi, supplice, o olhar .. Rezei... Rezei... De joelhos  
 Pedi a Nossa Mãe que lhe desse conselhos...  
 Que fizesse com que de novo ella voltasse...  
 Mais calma eu esperava antes que o sol entrasse,  
 Tel-a contra o meu peito ! e é quasi noite e della  
 Nem um signal, meu Deus !

1.<sup>a</sup> Roceira

Ha-de tornar a vel-a,

Marianna.

1.<sup>o</sup> Mineiro

Onde então se mettem a pequena ?

Marianna

Sei eu lá ?

2.<sup>a</sup> Roceira

Santo Deus !...

2.<sup>o</sup> Mineiro

Que tristeza !

1.<sup>a</sup> Roceira

Que pena !..

Marianna

Foi minha culpa !... Sim...

1.<sup>a</sup> Roceira

Ora essa !

Marianna

Ha muitos dias

Que ella andava a correr por estas serranias  
 Para ver se encontrava essa gruta encantada,  
 Que em sonhos ella via; andava tão mudada  
 Estes tempos ! vivia outr'ora trabalhando  
 E, em vez de trabalhar, passava horas scismando,  
 Scismando e, pela tarde, ella ia campos fóra  
 A procura da tal maldita gruta... Agora  
 Vejo bem que era o inferno e que minha Luzia  
 Para lá foi levada...

(perguntando,

Onde se metteria?...)

Temos tudo corrido, olhado essas campinas...  
 Entrámos nos capões, subimos as collinas...  
 Fomos a toda a parte e não a achámos... Certo  
 Ella foi para aquelle immenso fojo aberto...

1.<sup>o</sup> Mineiro

A Garganta do Inferno?

Marianna

Oh ! com toda a certeza !

Que lá mora o diabo e ella era sua presa...  
 Tudo era tentação aquillo que ella via...  
 Falei-lhe tanta vez, já a reza não valia...  
 Era tarde.

(côí sentada, em soluços)

Porém, não pôde ser ! eu quero  
 Minha filha querida ! Eu morro ! eu desespero !...  
 Onde ella está, meu Deus ? Santo Deus ? !...

## SCENA IV

OS MESMOS E FERNANDO

Fernando (com aflicção, entrando)

Minha tia...

Marianna

Ah! Fernando! meu Deus!

Fernando

Onde é que está Luzia?...

Marianna

Tua noiva, Fernando...

Fernandó

Onde ella está, responde ..

Marianna

Já a temos procurado em tudo...

Fernando

Porém, onde  
 Pode Luzia estar? Si a não trago a terra,  
 Certamente a infeliz por estes sitios erra,  
 E a esta hora, talvez, perdida e fatigada,  
 Se encontre a soluçar sobre as pedras da estrada...  
 Minha tia, é melhor que volte para casa,  
 E' quasi noite, irei lá ter... Adeus!

Marianna

O' praza  
 Aos céos que vá comtigo a minha filha amada...

Mil esforços farei...

Fernando

Marianna ( sai com as receitas )

Adeus!

Fernando

Vai desenganada!

(nos mineiros)

Fiquem vocês commigo e vamos procural-a :  
 Ella está por aqui, viva ou morta hei de achal-a!..

(saem)

FIM DO 1.º ACTO



## ACTO SEGUNDO

Uma sala do *retiro* de D. Alipio. Ao fundo, o quarto em que se deposita o ouro, com largas portas escuras, guarneçadas de ferro. Portas e janellas com grades de ferro á esquerda e á direita. A um lado, uma mesa e tamboretos. Anoitece.

### SCENA I

LUZIA E MILITÃO

Luzia (sentada, perto da mesa)

Que triste ingenuidade: acreditar num sonho!  
Eu pensava seguir por caminho risonho,  
E as flores do caminho occultavam-me o abysmo...  
Em lagrimas, Deus meu, é que estas cousas scismo...  
Falavas a verdade, oh minha mãe! Agora  
E' tarde! Si por mim choras ainda, chora...  
Chora, que nem teu pranto ha-de tornar-me pura!  
Chora por minha vida e por minha ventura !..

Militão (passeiando, ao fundo)

Acho muita razão na pobre da pequena...  
Tanto ouro a cegou: inexperta phalena!..

Luzia

Ha tres mezes que estou nesta casa assombrada  
Do impertinente olhar dos homens abrigada...  
Estranho não transpoz estas portas durante  
Todo o tempo em que sou desta casa habitante!  
A principio era amada, era feliz e tanto  
Que nunca me lembrei, minha mãe, do teu pranto...  
D. Alipio era meu, sua vida era minha,  
E, si elle era senhor, me julgava rainha...  
Pouco a pouco, porem, esse amor foi morrendo...  
Senti perfeitamente elle ir se arrefecendo  
E por fim se apagar, se apagar... Longos dias,  
Longas noites, entregue ás minhas agonias  
Vivo aqui, nesta casa, abandonada; agora  
Quando Alipio aqui vem não fica mais de uma hora...  
Vivo nesta mansão de tristezas, sosinha...  
Mesmo o sonho fugiu-me! Ingenuidade a minha!...

(levanta-se)

Para aqui me trouxe elle!

(abre uma porta, ao fundo;

vê-se um quarto cheio de ouro, em saccos e em barras, pelo chão e em prateleiras.)

Eis minha gruta de ouro...

Meu príncipe encontrei; encontrei meu thesouro!  
Tudo isso, para mim, era a visão sonhada...  
Em minha gruta entrei! Fechou-se á minha entrada  
A porta e nunca mais se abriu! sonhava ainda...  
Aos meus olhos tudo era uma aventura linda...  
Só agora desperto e... dura realidade!  
Vejo em cada janella uma terrivel grade  
E uma tranca de ferro em cada escura porta!  
E minha mãe, meu Deus! talvez esteja morta!  
E si vive, que pensa e diz a meu respeito?  
E Fernando, meu noivo?! Oh! estala-me o peito...  
Mas eu preciso ir ver minha mãe! eu preciso  
Esta casa deixar, onde perco o juizo...

Militão (compassivo)

Espera um pouco ainda...

Luzia

A D. Alipio um dia

Eu pedi para ir ver minha mãe, que não via  
Ha tanto tempo já... Disse-me que esperasse,  
Que queria que eu fosse, alevantada a face,  
A cabeça de pé! que elle iria comigo!...  
Meu esposo ia ser, que elle era meu amigo  
E não tinha affeição nenhuma igual no mundo...  
Exultei de prazer! mas, engano profundo!  
Foi-se o tempo passando... era outra vez um sonho...  
Mas, agora é demais!

(Militão afasta-se, chegando a uma janella;  
como que ouve alguma cousa)

Vejo crescer medonho

O remorso em minh'alma. Hei-de lutar enquanto  
Tiver voz no meu peito e nos meus olhos pranto...  
Sinto ao fugir de mim a ultima esperanza  
Como que despertar o genio da vingança!  
(ouve-se um tropel, fóra)

Militão

Um tropel de animaes...

Luzia

D. Alipio!... coragem!

(põe as mãos, supplice)

Eu vos peço, meu Deus, que me ajudeis!

(sáí)

## SCENA II

D. ALIPIO, UM PAGEM E MILITÃO

D. Alipio (entrando)

Meu pagem!

Não solte os animaes.

Pagem

Sim, meu senhor!

D. Alipio

Não saía

Do pateo, lá me espere; antes que a chuva cáia,  
Parto.

Pagem

Sim, meu senhor!

D. Alipio

Vai!

(o pagem sai)

Deixa-me sosinho!

Devo em breve partir, e é bem longo o caminho...  
Não tarda vir a noite e ameaça tempestade,  
E eu preciso voltar depressa p'ra cidade.  
Esperam lá por mim companheiros de caça,  
D. Lourenço de Almeida, um fidalgo de raça,  
Novo governador desta Capitania,  
E outros amigos mais para uma grande orgia  
Que ha de varar a noite... uma festança enorme!

(a Militão)

Que ha de novo por cá?

Militão

Nada.

D. Alipio

Luzia dorme?...

Militão

Inda não, pois estava ha pouco nesta sala.  
Anda triste...

D. Alipio

Bem sei. Desejo despachal-a...  
Não sei como o fazer.

Militão

E' boa!... Tendes medo?...

Não é isso...

D. Alipio

Militão

Amanhan, levo-a daqui bem cedo...

D. Alipio

Sim.

Militão

Que alegrão vai ter aquella pobre alminha!...

D. Alipio

Achas tu?

Militão

Pois então? que mais a coitadinha  
Poderia esperar?

D. Alipio

A historia é o rompimento...  
Como hei de eu começar...

Militão

E' questão do momento.

Aquillo que vier á bocca ide falando  
Que dá certo no fim.

D. Alipio

Vai-te embora.

Militão

Até quando?

D. Alipio

Si eu precisar de ti, chamar-te-ei...

(Militão sai)

E' extranho...

Sinto tal commoção... Tenho um peso tamanho...  
Como si fosse o reu de algum delicto enorme...  
Emfim! Vamos com isto...

(olha em torno, resolutu; bate á porta  
do quarto de Luzia, ameigando a voz)

A minha flor já dorme?..

## SCENA III

D. ALÍPIO E LUZIA

Luzia ( saindo do quarto )

Ainda não, meu senhor!

D. Alípio ( tomando-a nos braços )

Que é então que fazia?

Luzia

Esperava por ti desde as Ave-Maria...

D. Alípio

E eu, ingrato, tardei...

Luzia

Tardou!... Porém agora  
Ficas aqui, não é? não vais tão cedo embora!...

D. Alípio

Por certo.

Luzia ( ironica )

A mim dizia alguma cousa, Alípio,  
Que ias de novo ser o que foste ao principio...

D. Alípio

Não te deixei de amar...

Luzia

Já não me amavas tanto...

D. Alípio

Oh Luzia! és injusta!

Luzia

Eu injusta? entretanto  
Eu sei do meu viver, do meu triste abandono,  
Pois até me deixou meu senhor e meu dono...

D. Alípio

Luzia, meu amor, não por minha vontade...

Luzia

Tu nem sabes de mim... andas pela cidade  
A viver, a gosar...

D. Alípio

Ah! si eu me governasse,  
Si eu não tivesse quem as contas me tomasse,  
Si meu pai tão cruel não fosse!!...

Luzia

Que haveria?...

D. Alípio

Eu viveria só perto de ti, Luzia!...

Luzia

Então amas-me ainda?...

D. Alípio

Oh! deves confessal-o...  
Pode mentir quem fala assim como eu te falo?..  
Si eu não vivo a teus pés, si eu não vivo a adorar-te  
E' que exige o dever que eu viva noutra parte...  
Mas que vida melhor para mim do que a vida  
Que a teu lado gosei?...

Luzia

D. Alípio!..

D. Alípio

Querida!

Sob o imperio dos teus dois olhos tentadores?...  
Que saudades cruéis dessa epocha de amores...  
Dosse tempo melhor que homem já tem gosado...  
Tu eras minha vida, eras o meu cuidado,  
Eras a minha dor, eras minha alegria...

Si um de nós dois não risse, o outro também não ria...  
Foi um pouco do céu gosado neste mundo,  
E esse tempo de amor não ha-de ter segundo...  
Não te lembras, Luzia?

Luzia

A gente por ventura  
Esquece, meu senhor, as horas de ternura?  
Alguma cousa mais ha no espirito que ama  
Alem desse ideal eterno em que se inflamma?  
Dessa recordação de um gosado momento  
Que eternamente vive em nosso pensamento?  
Não me perguntes mais, D. Alipio, se ainda  
Tenho na alma o sabor dessa ventura finda!..

D. Alipio

Porque falas assim dessa maneira triste,  
Luzia?

Luzia

Falo assim, porque já não existe  
Esta felicidade!

D. Alipio

Então, não acreditas  
Mais que eu sinta por ti saudades infinitas!

Luzia

Já não creio!...

D. Alipio

Não crês que eu te ame?!

Luzia

Oh! já não creio!...

D. Alipio

Ninguém sabe o que vai por dentro de meu seio...  
Luzia!... já não crês em mim?

Luzia

Pela minha alma,

D. Alipio, que não!..

D. Alipio

Porque?...

Luzia

Vês minha calma?

D. Alipio

Tu me assustas Luzia!...

Luzia

Oh! não receies nada!  
Que mal pode provir de minha mão delgada?  
Que te posso fazer, eu tão fraca e mesquinha?  
Oh! não te culpo, não! toda a culpa foi minha...  
Eu era tão feliz antigamente; outr'ora  
Nunca me veio achar em lagrimas a aurora...  
Nenhum minuto só carinhos me faltaram...  
E, foi entrando aqui, que as maguas começaram.  
Minha vida troquei por uma outra existencia...  
E minha mãe, meu Deus! durante minha ausencia  
Quanto a triste soffreu!

D. Alipio

Nada lhe tem faltado...

Luzia

Falta-lhe tudo, sim, não me achando a seu lado...

D. Alipio

Junto da sua porta uma bolsa com ouro  
Todo o sabbado está!

Luzia

Miseravel thesouro!  
Juro que minha mãe si acaso desconfia  
De onde este ouro provém... joga-o fóra!...

D. Alipio

Luzia!

Luzia

Certo morrer prefere a viver por tal preço...

D. Alipio

Como falas assim! quasi te desconheço!...  
Já fugiram de ti o carinho e a brandura?...

Luzia

Sim! tudo isso acabou, acabando a ventura...

D. Alipio

Mas eu te amo Luzia!...

Luzia

Eu é que já não creio  
Que haja por mim algum amor nesse teu seio...

D. Alipio

Luzia! e quem t'o disse?...

Luzia

Oh! deu-me esta certeza

O tempo que a chorar tenho passado presa,  
Longe de todo o mundo, abandonada e triste...  
Pensas que algum tormento igual no mundo existe?  
De um lado, minha mãe, que eu deixei, de outro lado  
Tu, que me abandonaste...

D. Alipio

Eu sou tão desgraçado!...

Considera tambem um pouco minha vida!

Luzia (resoluta)

Quero ir ver minha mãe, quero! estou resolvida!...

D. Alipio

Mas attende, Luzia, iremos juntos...

Luzia

Quando?!...

Pensas acaso tu que eu inda estou sonhando?...

D. Alipio

Acredita, por mim, tudo, tudo eu faria...  
Porém, meu pai, cruel, se oppõe, minha Luzia...

Luzia

Quero ir ver minha mãe!

D. Alipio

Si ella fechar-te a porta?

Luzia

Ha-de haver um lugar para mim, viva ou morta ..

D. Alipio

Então, queres partir?...

Luzia

E' todo o meu desejo!...

D. Alipio

Então, vais me deixar?

Luzia

Meu Deus! agora eu vejo,  
Posso agora medir toda a minha loucura...  
Que me resta fazer? terminou-se a aventura...  
Tenho agora a escolher, depois deste mysterio,  
A vergonha na vida ou a paz no cemiterio...

D. Alipio

E' pois, Luzia, então, tua ultima vontade?

Luzia

Certo!

D. Alipio

Vou-te dizer toda inteira a verdade:  
Meu pai não só proíbe o nosso casamento  
Como exige também, agora, o cumprimento  
Da promessa que eu fiz de desposar a filha  
Mais rica e mais gentil dos condes de Padilha!...  
Tinha dado a palavra...

Luzia

E eras só meu! dizias...  
Mas eu rica não sou, não tenho fidalguias...  
Era justo!...

D. Alipio

Porém, não fales desse modo...

Luzia

Sim, devo tudo ouvir...

D. Alipio

Não te esqueci de todo...

(vai ao quarto do ouro e traz um saquinho cheio)

Ainda podes viver socegada e contente:  
Reservei para ti este humilde presente...

Luzia (lívida, deixando cair aos pés o sacco)

Não podem supportar as minhas mãos pequenas  
O peso dessa bolsa... Ella não pesa apenas  
O ouro que dentro tem... pesa ainda...

D. Alipio

Senhora!

Luzia

A agonia sem fim de minha mãe que chora!  
Muitas horas de dôr! muito momento escuro!  
Minha alma, meu prazer, minha honra, meu futuro,  
Minha existencia! emfim, tudo, tudo o que eu tinha,  
D. Alipio!...

D. Alipio

Perdão, senhora! mas a minha  
Vontade era a mais pura e nobre desse mundo...

Luzia

Era justo!... eu amei com o amor mais profundo,  
Fui docil e fiel... mas tanto eu não mereço...  
Pagaste-me, senhor, com avultado preço!...

(faz uma mesura e sai)

#### SCENA IV

D. Alipio (só)

Está tudo acabado...

(passeia, reflectindo)

Emfim! era preciso...

Talvez me proviesse immenso prejuizo  
Da continuação desta minha aventura...  
Prolongal-a mais tempo era grande loucura...  
Luzia é uma criança inoffensiva e fraca...  
Nada devo temer... o seu furor se aplaca...  
E' um furor semelhante ás tormentas de maio...  
Relampeja, porém, não arremessa o raio...  
Ha de tornar ao bem... Mas, aproveito a vasa  
E vou mandar leval-a amanha para casa...  
E poderei ficar descaçado; ella é pobre...  
E os pobres mentem quando ousam falar de um nobre...

(bate com o pé na bolsa de ouro)

O ouro que ella não quiz! Si o tivesse aceitado...  
Teria um proceder muito mais acertado...  
Sim... porquanto afinal... Vá ser ella o que queira  
Viveria melhor tendo ouro na algibeira...  
Não comprehendo este orgulho...

(apanha a bolsa)

Apanhemos este ouro...

Elle não quiz deixar o meu regio thesouro...

(abre as portas do deposito de ouro e guarda a  
bolsa; contempla o thesouro amontoado)

Eu só domino aqui! Todo esse mundo immenso  
E' meu só, como é meu este pequeno lenço...

Mande El-Rei, meu senhor, lá fóra!... Eu aqui mando...  
 Governe Deus nos ceus os astros scintillando...  
 Eu governo este meu custoso firmamento  
 Que scintilla tambem de extranho luzimento...  
 Dorme, thesouro meu, teu somno luminoso!  
 Profana mão não vem perturbar-te o repouso...  
 ( encosta as portas )

## SCENA V

MILITÃO E D. ALÍPIO

D. Alipio (chamando)

Militão!

Militão (entrando)

traz uma lampada que deposita sobre a mesa

Meu senhor! Então?..

D. Alipio

Tudo acabado...

Militão

Muito bem!

D. Alipio

Entretanto...

Militão

Entretanto?!...

D. Alipio

Ao seu lado,

Sob a forte expressão do seu olhar brilhante,  
 Fiz bem triste papel, vergonhoso, humilhante...  
 Por vezes presentí a coragem faltar-me  
 E para conservar a calma e não rojar-me  
 A seus pés e pedir perdão... foi-me preciso  
 Pensar que praticava uma acção de juizão...

Militão

Oh!

D. Alipio

Sim, porque afinal amei esta criança  
 E desse amor jamais perderei a lembrança...

Militão

Ninguém mais do que eu tem pena de Luzia,  
 Mas, o que haviéis vós de fazer algum dia,  
 Ou mais tarde ou mais cedo?!..

D. Alipio

E' verdade!...

Militão

Porquanto

Vosso pai, senhor meu! inda que sangue em pranto  
 Vertesseis vós...

D. Alipio

Bem sei!

Militão

Jamais permitiria

A união desigual da rustica Luzia  
 Com o nobre senhor seu filho... Tal enxerto  
 Jamais se plantará na vossa estirpe...

D. Alipio

Certo.

Militão

Portanto, o parabem sincero, D. Alipio,  
 Vos dou... Fóra melhor não tivesse principio  
 A aventura, porém, uma vez que a fizestes  
 Era mister dar logo o passo que ora destes...

D. Alipio

Tens razão.

Militão

Amanhan a levarei bem cedo

Para casa.

D. Alipio

Confio em ti.

Militão

Não tenhais medo;

Pois eu dessa missão darei conta.

D. Alipio

Obrigado.

São horas de partir.

Militão

Outra cousa... e o bocado

De ouro da velha mãe?...

D. Alipio

Sim... hoje é sexta-feira,

Deverás ir levar a ração costumeira...

E são horas, adeus... Mas, falando a verdade,

Sinto agora ao partir uma extranha saudade...

Si eu fosse ver Luzia...

Militão

Ora, não!

D. Alipio

Foi preciso!

Não tive coração...

Militão

Mas tivestes juízo...

D. Alipio

Não devo ter remorso, a filha de um mineiro...

Depois... ella não quiz! mas eu lhe dei dinheiro...

Ora, adeus!... ella aqui apenas hoje fica...

Militão

As ordens cumprirei.

D. Alipio

E agora, á Villa-Rica.

(sai)

SCENA VI

Luzia (só)

Eil-o partido já, Santo Deus!... Felizmente...

Pode agora o meu odio explodir livremente...

Tudo está dentro em mim clamando por vingança!

Desperta-te, minha alma! oh! vingate e descança!...

Has de ter, D. Alipio, a paga do teu crime...

Não é, fidalgo, assim que aos miseros se opprime!

A cada criminoso ha-de haver uma pena:

Si a lei da terra absolve, a lei do ceu condemna...

Vingate e após descança, oh minha alma! E que importa

Que depois da vingança, amanha, seja eu morta...

Bem caro hão de custar tuas lagrimas, santa,

Idolatrada mãe! a dor não me aquebranta,

Dá-me forças até! Sinto a minha alma enorme...

Eu velo D. Alipio, eu velo, dorme, dorme...

Tu bem sabes, algoz, que eu sou candida e boa...

Conheces-me cordeira?... Has de me ver leda!...

Has de ver quanto pode, oh meu senhor querido!

Por um homem sem alma um coração ferido...

Gosa, fidalgo, o olhar da tua noiva, gosa...

Preparo para ti noivado cõr de rosa...

(passeia, meditando)

Eu preciso arranjar antes de tudo a chave

Desta porta... Eis aqui uma questão bem grave...

Jacintha não m'a dá... Vou tentar entretanto...

Dinheiro ella não quer... não a commove o pranto...

Depois, devo sair sem que ninguem me veja...

Sempre quem tem razão consegue o que deseja...

Tentemos, pois...

(chamando)

Jacintha!

## SCENA VII

Luzia e JACINTHA

Jacinta ( entrando )

Que deseja a senhora ?...

Luzia

Jacinta, supplicar que me deixe ir embora...

Jacinta

Cruzes, Dona Luzia ! O que pede !...

Luzia

Si o nosso

Senhor já permittiu...

Jacinta

Mas, senhora, eu não posso

Por nada deste mundo abrir-lhe aquella porta...

Luzia

Eu vou ver minha mãe apenas, que te importa  
 Que eu saia ou fique aqui?... Tenho muita saudade  
 De minha pobre mãe; tenho immensa vontade  
 De ir vel-a! Deixa-me ir...

Jacinta

Ora, Dona Luzia

Bem sabe que eu não posso; e acaso poderia  
 Com a noite que está caminhar pela serra ?

Luzia

Não sabes o valor que este meu peito encerra...

Jacinta

A noite é de tormenta e troveja e fuzila...

Luzia

Abre-me aquella porta e eu seguirei, tranquilla,  
 Em meio á tempestade, estas serras a fóra...

Jacinta

Possivel fóra e certo era livre, senhora !  
 Mas sua liberdade importa a minha vida  
 Talvez...

Luzia

Não peço mais... não te quero perdida  
 Por minha causa. Bem, vamos dormir.

(sáí)

Jacinta

Louvado

Seja o Nosso Senhor Jesus Christo!

(sáí)

## SCENA VIII

Luzia

(Apparece á porta com uma lampada na mão)

Pesado

Seja-te teu dormir, terrivel carcereiro!  
 Espreitemos...

( põe a lampada sobre uma mesa e espia  
 pela porta por onde entrou Jacinta)

Lá está... Põe sob o travesseiro

A chave... Reza agora... Anda no quarto... Agora  
 Deita-se... Oh! que um bom somno até o romper da aurora  
 Tuas palpebras cerre e te conserve morta...  
 E' preciso que eu tenha a chave desta porta...  
 Dorme, dorme tranquilla, extranha creatura  
 Que tem o coração feito de pedra dura...

(passeia lentamente)

Deus me ha de ajudar !

(entra, subtil, no quarto da escrava e volta  
com a chave na mão)

Senhor! eu rendo graças

A vós, que tendes sempre a todas as desgraças

Um balsamo, um remedio... obrigada, obrigada...

Tenho a chave commigo... Oh! Deus! estou vingada!..

Descança D. Alipio, em teu tepido ninho.

Bem sabes que está preso o pobre passarinho...

(abre as portas do quarto do ouro, ao fundo, e põe lá  
dentro a lampada).

Agora tudo é meu! Abramos a janella :

Deixemos penetrar a luz de alguma estrella...

(abre a janella, ve-se lá fóra, através das  
grades de ferro, a noite tempestuosa)

Oh! que noite propicia ao meu lugubre intento...

Tempestades, trovões, relampagos e vento...

Bem, agora, meu Deus ! quero forças, agora

Vamos tudo lançar pela janella fora...

(começa a jogar por entre as grades da janella  
todo o ouro amontoado em saccos, barras, etc.)

O longo trabalhar de muitos longos annos,

Existencias de dor e combates insanos,

Accumularam todo esse ouro incalculavel!

E eu, numa noite só, eu fraca e miseravel,

Hei de o fazer entrar novamente no seio

Uberrimo de onde elle em particulas veio...

(sempre jogando pela janella fóra;

ouvem-se passos e a voz de Jacintha, Luzia fecha as portas do quarto.)

Jacintha

Quem está lá?...

(apparece, com uma lampada)

Pareceu-me ouvir barulho...

(olha em redor)

Nada!

Tudo no seu lugar... A casa socegada...

Ratos, naturalmente... entretanto eu jurava

Ter ouvido falar... Maus ouvidos de escrava...

(sáí)

Luzia

(abre a porta e continua, sem ruido, o sinistro trabalho ; falla baixo)

Ajudai-me, Deus meu! Eu tiritio de medo...

Preciso é que termine este trabalho cedo...

(acaba, fecha as janellas; sáí do quarto, fecha as portas)

Finalmente!... não resta um só pedaço de ouro...

Diz adeus, D. Alipio, ao teu regio thesouro...

Agora, para o abysmo!... existe, aqui bem perto,

Uma furna tremenda, um boqueirão aberto,

Cuja profundidade insondavel, ainda

Ninguem pensou medir... parece que não finda...

Todos dizem aqui que ella é mal assombrada

Que o proprio inferno é lá... Vai ser essa a morada,

D. Alipio, do teu thesouro fabuloso...

Antes que a noite esconda o seu veu tenebroso,

Tudo estará lá dentro, e para sempre, amigo,

E junto a Satanaz ha de ter seu jazigo

Derradeiro e tremendo...

(abre uma porta, que dá para fóra, com a chave  
que tirou de Jacintha, e, voltendo-se para o interior da casa)

Adeus! vivenda triste,

Onde eu tanto gosei, onde a minha alma existe!

Guarda esta habitação, sob o seu tecto escuro,

O que eu tinha de bom, o que eu tinha de puro...

Adeus! dias de amor! doces, pequenos dias...

Adeus! dias sem fim, de acerbas agonias...

Meus dias de prazer, meus dias de tortura!

Adeus! minha desgraça! adeus, minha ventura!

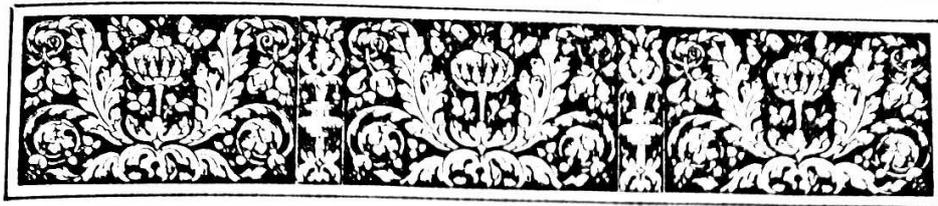
(chega á porta, apaga a luz)

E agora, tu, Senhor! das nuvens no remoinho

Faze um astro brilhar p'ra mostrar-me o caminho.

(sáí)

FIM DO 2º ACTO



## ACTO TERCEIRO

### 1.º QUADRO

O povoado da Aldeia Nova. A casa de Marianna vendo-se-lhe o interior. Uma porta dando para um largo que se vê á direita. Ao fundo, na casa, uma janella; um catre pobre a um lado; perto, na parede, um crucifixo e uma lamparina acesa.—Uma roca e um fuso a um canto. Tamborettes. Anoi-tece.

### SCENA I

NA PRAÇA, ALGUNS MINEIROS E ROCEIRAS

1º Mineiro

Então que dizes tu ?

2º Mineiro

Já lá se vão tres mezes!

1ª Roceira

Quem supporia tal...

1º Mineiro

Artes do Diabo!

2ª Roceira

A's vezes

Dá vontade de até descrer da Divindade.  
Succede cada coisa...

1.<sup>a</sup> Roceira

Anna da Soledade!  
Que estás a blasphemar! Deus te perdoe! Crédo!

2.<sup>a</sup> Roceira

Isso mesmo...

1.<sup>a</sup> Roceira

Ai Jesus! hoje me mettes medo  
Com teu palavriado... O cura se te ouvisse...

1.<sup>o</sup> Mineiro

Ora, você Maria, anda a dizer tolice...  
Deixa a outra falar o que bem ella queira.

2.<sup>a</sup> Roceira

Bem de certo, compadre, isso dessa maneira  
Brada aos céos.

1.<sup>a</sup> Roceira (benzendo-se)

Credo! Cruz! Santa Virgem Maria!

2.<sup>a</sup> Roceira

Já se viu coisa assim! A pobre da Luzia  
De repente sumir deste modo...

1.<sup>o</sup> Mineiro

E' verdade.

2.<sup>o</sup> Mineiro

Fomos por toda a parte!... e mesmo na cidade  
Tem-se falado nisso...

1.<sup>o</sup> Mineiro

E' verdade...

2.<sup>o</sup> Mineiro

Nem signal de Luzia...

Entretanto

1.<sup>a</sup> Roceira

Anda aqui nisto encanto

2.<sup>a</sup> Roceira

Ou artes do Diabo...

2.<sup>o</sup> Mineiro

Ou talvez tratantada  
De alguém que lhe puzesse a cabeça virada...

1.<sup>o</sup> Mineiro

Sim! Tudo pode ser que o facto é verdadeiro  
E nas Minas-Geraes certamente o primeiro!...  
Tens visto Marianna?

1.<sup>a</sup> Roceira

Oh! não me fale della.

2.<sup>o</sup> Mineiro

Anda como uma louca...

2.<sup>a</sup> Roceira

E é p'ra menos?...

1.<sup>a</sup> Roceira

Não leva muito tempo...

Aquella

2.<sup>o</sup> Mineiro

E o rapaz?...

1.<sup>o</sup> Mineiro

Quem? Fernando?

2.<sup>o</sup> Mineiro

Sim.

1.<sup>o</sup> Mineiro

Coitado! Anda ahi pelo mundo pensando...

1ª Roceira

Era uma adoração que elle tinha á Luzia...

2ª Roceira

E era um bello casal...

1ª Roceira

E estava perto o dia...  
Era quando chegasse o frade, o tio Antonio.

1º Mineiro

E o dia não chegou!

2º Mineiro

Sim! metteu-se o demonio  
De permeio e deu tudo em agua de barrella...  
Coitadinho! Perdeu elle a noiva mais bella  
Que havia por aqui...

2ª Roceira

E a Rosinha Trigueira...

1ª Roceira

Qual Rosinha!...

2º Mineiro

Mas olha o noivo na porteira...  
(todos olham)

Com quem vem elle?

2ª Roceira

Então! Não vês? vem com o frade  
Que outro dia chegou.

2º Mineiro

'Stá velho!

2ª Roceira

Então, não ha de?  
Caminha p'ra os setenta.

1ª Roceira

Um santo! um homem santo!  
O bem que elle tem feito a todos nós é tanto  
Que não tem conta já...

(Entram Frei Antonio e Fernando e em silencio  
atravessam a scena.)

Frei Antonio (tirando o chapéu)

Boa noite, senhores.

(Fernando tira apenas o chapéu)

Os Mineiros (todos cortejando)

Deus lhes dê boa noite.

(Frei Antonio e Fernando entram na casa de  
Marianna.)

1º Mineiro (olhando para Fernando)

Pobre rapaz...

Frei Antonio (sentando-se)

Horrores

Tens-me exposto, Fernando...

2º Mineiro

Vão ver a Marianna.

1ª Roceira

Ella, porém, não veio ainda: na choupana  
Muito pouco ella vive agora. Todo o dia  
Desde pela manhan ella é vista, erradia,  
Pelos campos vagar, como uma alma penada...  
Pobre velha...

1º Mineiro

Faz pena...

2ª Roceira

E' verdade

1.ª Roceira

A coitada

Só tinha neste mundo aquella creatura;  
Como ella resistiu a tanta desventura  
Não sei...

2.ª Roceira

Tão velha e doente...

1.º Mineiro

E' triste na verdade...

2.º Mineiro

Mas, amigos, não tarda horrivel tempestade.  
Já venta e já fuzila.

1.º Mineiro

A noite é de tormenta  
Vamos nos recolher que a cama já me tenta.  
(Saem)

## SCENA II

FREI ANTONIO E FERNANDO

Frei Antonio (depois de uma pausa, erguendo-se)

Sim, meu filho talvez seja mesmo o que dizes.

Fernando

Nestes tempos que vão, meu bom tio, infelizes  
Dos que nascem plebeus. Despotica a nobreza  
Faz o que quer de nós, pois tem toda a certeza  
Que está fóra da lei...

Frei Antonio

Dizes uma verdade!

Fernando

E não é só no campo... além, pela cidade  
E no reino tambem... por tudo a mesma coisa  
Quem é pobre e plebeu, não dorme, nem repousa...

Frei Antonio

Desventuradamente assim é...  
(Senta-se de novo)

Fernando

E Luzia

Não morreu como ha pouco o senhor me dizia...  
Foi seduzida a pobre... Alma innocente e pura,  
Visionaria e exaltada até mesmo á loucura  
Deixou-se arrebatado por esse fidalguinho  
Opulento e devasso...

Frei Antonio

E, senhor meu sobrinho  
Tu não rondaste a casa?

Fernando

Uma porção de noites...

Frei Antonio

Nada ouviste?

Fernando

Sómente o estalar dos açoites...

Frei Antonio

Elle é barbaro assim?

Fernando

Pode ter a certeza:  
Não ha senhor peor por esta redondeza...

Frei Antonio

E nunca interrogaste alguém da casa? Um pagem,  
Um escravo, um feitor...

Fernando

Não me faltou coragem,

Faltou-me occasião.

Frei Antonio

Como assim?

Fernando

Porque toda

A fazenda é cercada: um alto muro em roda  
A fecha a todo o olhar das gentes indiscretas...  
Fazem-se dentro della as coisas mais secretas...  
Nunca estranho transpoz suas fechadas portas.  
Dorme o somno sem fim dessas idades mortas  
Das lendas, o castello... A grande porta apenas  
Se abre para entrar o senhor de Vilhenas,  
D. Alipio Manoel, filho de D. Jacintho,  
Devasso commensal de El-Rei D. João V,  
Velho capitão-mór de Villa-Rica... Certo,  
Ninguem mais poderoso estes ceus têm coberto...

Frei Antonio

Porque não fazes queixa á justiça?

Fernando

De nada

Valeria, senhor... Para tão elevada  
Linhagem fecha ouvido a justiça da terra!  
Pois um peito tão nobre estes vicios encerra!...  
Não é crível! Depois, que provas apresento?  
Poderia accusar não tendo fundamento  
Algum? Como lhe digo estamos na incerteza,  
Ha só desconfiança... e que arriscada empreza,  
Accusar, meu senhor, uma pessoa nobre  
Quando quem tal fizer fôr plebeu e fôr pobre...

Frei Antonio

E que esperas então?

Fernando

Espero que Luzia

Seja pelo fidalgo abandonada um dia  
E que venha de novo encher esta cabana  
Da luz que desse olhar que ella possui, dimana...  
Pondo fim á tristeza em que vive esta velha,  
Que a loucura desvaira e que a velhice engelha...  
Quanto a mim...

Frei Antonio

Quanto a ti?...

Fernando

Só me resta uma coisa:

Meu corpo repousar, já que a alma não repousa...  
Logo que ella chegar... eu partirei...

Frei Antonio

Para onde?

Fernando

A' pergunta que fez só o destino responde...  
Eu mesmo não n'ó sei... é muito grande o mundo...  
Irei por elle afóra, a passo vagabundo,  
A pensar, a soffrer e por fim a um convento  
Talvez que vá pedir socego e isolamento...

Frei Antonio

Então amal-a ainda?...

Fernando

E como não amal-a

Si desde a minha infancia este sonho me embala?...  
Si outra coisa não quer minh'alma angustiada  
Além daquelle amor?... si nada penso, nada  
Vejo em torno de mim que me não fale della?!...  
Ouço-a na ave a cantar, vejo-a na luz da estrella...  
Tudo que vive, ou canta, ou floresce, ou scintilla,  
Uma recordação traz á minha pupilla

De uma quadra feliz de innocentes idyllios :  
 Ella ia-se tocar de rosas e de lillios...  
 Eu punha o meu gibão mais cheio de alamares...  
 E os dois de braço... o mais gentil dos pares!...  
 Iamos campo em fóra a rir, tagarellando,  
 Com a nossa alegria as aves invejando...  
 E olhávamos do pico altissimo da serra  
 A agonia do sol, o adormecer da terra...  
 E voltávamos quando as primeiras estrellas  
 Despertavam e quando as aves tagarellas,  
 Aos pares, se acoitar vinham nas verdes ramas...

Frei Antonio

E falavam de amor?...

Fernando

De amor nunca falámos...

Eram dois corações os nossos que se abriam...  
 Duas almas irmãs que mudas se entendiam ;  
 Nossa vida era como um molde do futuro,  
 A mais santa união, o vinculo mais puro...  
 Um dia precisei partir... fiz meus estudos  
 Longe... Quando voltei seus labios eram mudos  
 Como quando parti... porém, minha Luzia  
 Não era a mesma oh! não... atra melancolia,  
 Um sonho interior que nunca se acabava,  
 Uma visão que a tinha eternamente escrava  
 Era nella em lugar da antiga ingenuidade...

Frei Antonio

O despertar do sangue, os efeitos da idade...

Fernando

Isso tudo e inda mais... Visionaria e exaltada  
 Julgava-se talvez uma predestinada,  
 E acreditava em tudo o que ella em sonhos via...  
 Foi isso o que perdeu minha pobre Luzia !

Frei Antonio

E esse fidalgo é rico ?

Fernando

Immensamente... E' dono  
 De lavras por favor de El-Rei... Sempre, no outomno,  
 A pesagem se faz da immensa quantidade  
 De ouro que extrahe da mina e leva p'ra cidade  
 Uma grande porção para sustento e goso...  
 Dizem que ha no castello um quarto fabuloso  
 Abarroto de ouro... Ha de haver nisso invento  
 Sabe-se ao certo só que elle é muito avarento...

Frei Antonio

Avarento?!...

Fernando

Ninguem mais que elle.

Frei Antonio

Com effeito!

Então nada de bom encerra aquelle peito?...  
 Mas, onde está Marianna ?

Fernando

Essa?... Misera e triste,  
 Hoje para chorar unicamente existe...  
 Num estado que é quasi a demencia ou a loucura,  
 Anda as noites e o dia ás tontas, á procura  
 Da desgarrada filha...

Frei Antonio

Oh! nesta minha ausencia  
 Como tudo mudou da primeira existencia...  
 Vivia nesta casa a gente mais tranquilla  
 A gente mais feliz desta pequena villa...

Como tudo mudou... como a sorte varia...  
 Bem, meu Fernando, adeus... a noite está tão fria  
 E eu me sinto cansado, adeus!

(Fernando beija-lhe a mão)

Deus te proteja!...

(Sai)

### SCENA III

**Fernando** (passeando, depois de ter ficado a olhar  
 para onde saíra o frade)

Será possível, meu Deus, que eu nunca mais a veja?...  
 Ou que a vendo precise ir para muito longe  
 Entre estranhos morrer ou viver feito monge?...  
 Entrega-te, minh'alma á dor que te escrucia...  
 Já nada tens!... morreu tua doce Luzia,  
 Tua noiva gentil e meiga companheira...  
 Já nada resta mais dessa idade fagueira,  
 Desse ameno existir, dessa gostosa idade...  
 Terras em que eu gosei tanta felicidade,  
 Onde eu sonhei passar a vida mais tranquilla,  
 Eu preciso fugir!... já por mim não scintilla  
 A estrella que os meus pés prendiam neste solo...  
 O calice de fel sorvi-o, golo a golo...  
 Já não posso mais ver toda a bella paizagem  
 De em redor... toda ella a sua doce imagem  
 Aos meus olhos traduz... e essa imagem me mata...  
 Tudo que aquelle vulto angelico retrata,  
 Tudo que lembra della a coisa mais pequena,  
 Minha vista escurece e minha alma envenena...  
 (Soluçando, debruça-se á janella)  
 Oh! como a de minha alma é tambem horrorosa  
 A tormenta lá fóra!... A noite é pavorosa...  
 Dir-se-ia que a bramir todo em cóleras, erra  
 Pelos espaços, Deus, lançando sobre a terra  
 Como apostrophe ao mal dos pervertidos mundos  
 O fulminante olhar dos raios iracundos...

Vão-se as grossas legiões das nuvens tenebrosas  
 Pelos ceus, em tropel, rolando tumultuosas  
 E eu vendo-as, contemplo, extatico e absorto,  
 Os tristes funeraes do meu passado morto...

(passeia, lentamente)

Mas, porque recordar toda a minha tristeza?...  
 Haverá, por ventura, em nossa natureza  
 Esse estranho prazer de renovar as dores...  
 De com ancia aspirar o perfume das flores  
 Já sem côr da saudade... Oh! com certeza existe  
 Em nós isso que faz nossa vida mais triste...  
 Que sangra de continuo essa ferida enorme,  
 Que em nós desperta a dor si a dor acaso dorme...

(vendo Marianna entrar)

Minha tia... Meu Deus, fugir-lhe bem quizera

Essa dor sem igual minha alma dilacera...

(entra Marianna)

### SCENA IV

MARIANNA E FERNANDO

**Marianna**

De balde...

**Fernando** (carinhoso)

Minha tia? então...

**Marianna**

Fernando!...

**Fernando**

De onde

Vem, minha tia?... Fala... attenda-me... responde...

**Marianna**

Fernando!...

**Fernando**

Minha tia...

Marianna

Escute, meu Fernando!...

Tudo neste momento está já repousando...  
 Eu à tarde subi ao alto da collina:  
 Campos, serras, de lá tudo se descortina...  
 E eu vi que pouco a pouco as ovelhas, em bando,  
 Foram com seu pastor as campinas deixando...  
 Depois, eu vi no espaço azul os passarinhos,  
 Voarem para o bosque em procura dos ninhos...  
 E eu vi os bois a passo entrarem na corrente  
 Do escuro ribeirão mugindo tristemente,  
 E depois, passo a passo, em marcha somnolenta,  
 Partiram-se, eu os vi, pela estrada barrenta...  
 Foi tudo pouco a pouco as campinas deixando...  
 Apenas eu fiquei a esperar, meu Fernando...  
 Tudo se recolheu a um carinhoso seio,  
 Tudo dorme, entretanto ella ainda não veio...  
 Eu debalde esperei; debalde meus olhares  
 Alonguei procurando em todos os lugares  
 Da terra, para ver si por ventura a via...  
 Porém, nada me disse onde é que está Luzia...  
 Porque chora você, Fernando?... olhe, eu não choro...  
 Foi vontade de Deus... a sorte eu não deploro.  
 Depois, espero, oh sim! que ella me volte ainda  
 E venha mais risonha e me volte mais linda...  
 E' mister que você mais paciência tenha...  
 Talvez ella amanha sinta saudade e venha...  
 (Fernando, que, ha muito soluça com o rosto entre as mãos, sai precipitadamente a estas  
 ultimas palavras, deixando Marianna, extatica, que olha para onde elle saiu, tremula e absorta.)

### SCENA V

Marianna

E si ella não vier!... Se amanha novamente  
 Eu passar todo o dia á espera inutilmente...  
 E depois... e depois!... Mata-me esta lembrança  
 Nem sei si deva ter mais alguma esperança...  
 O pranto de Fernando... essa angustia sem nome,

Esse chorar sem fim que aos poucos o consome...  
 Mas eu não posso crer! Não póde ser verdade!  
 Não seria de um Deus tamanha atrocidade...  
 E' impossivel que tu não vejas de onde habitas  
 Do meu triste viver as maguas infinitas!  
 E' impossivel que tu que me deste uma filha,  
 Que aqui dentro de mim como uma estrella brilha,  
 Deixes que Satanaz a conserve consigo...  
 Tua crença, meu Deus, é um sacrosanto abrigo,  
 E eu creio em ti, e attende! ella tambem te adora!...  
 Tu, que a vês de onde estás, repara que ella chora,  
 Que ella pede perdão, contricta e arrependida,  
 Perdão pelo que fez! perdão por minha vida!...  
 Attende tu que és bom e justiceiro e terno!...  
 Quem se pode furtar ás tentações do inferno?...  
 Liberte-a, meu senhor, ella é candida e boa:  
 Eu que sou sua mãe, já perdoei... perdoe!...

(Olhando em torno)

Ella viveu aqui... Tudo aqui fala della...  
 Quantas vezes não vi desta minha janella  
 Quando estava a brincar, minha doce Luzia,  
 Orgulhosa e gentil como uma ave bravida...  
 Quanta vez?... Dorme ali a roca abandonada...  
 No balaio a costura ainda não acabada,  
 Mas que ella ha de acabar... tenho toda a esperança...  
 De esperar que ella chegue a minha alma não cança...  
 Luzia não morreu... não pode ter morrido...  
 Este mundo em redor foi por mim percorrido...  
 Por toda a parte fui, entrei pelos vallados,  
 Andei a procurar nos proximos povoados...  
 Todos os barrocaes da longa serra  
 Percorri... Tudo olhei. Estes olhos que um dia  
 A terra ha de comer, tudo olharam e nada!...  
 Si por ventura via alguma revoada  
 De cervos pelo ceu, eu, soffrega, tremente,  
 Corria a ver se achava o seu corpo innocente...  
 Luzia não morreu... Porém, se uma desgraça  
 Que a morte inda peor me espera e me ameaça?...  
 Sim... o Inferno... Satan... pois, desde aquelle dia

Que não mais me voltou minha pobre Luzia,  
 Sempre, aos sabbados, quando eu abro minha porta...  
 Oh! mil vezes, meu Deus! Luzia esteja morta!...  
 Sempre aos sabbados acho um saquinho repleto  
 De ouro... o preço mais vil, o preço mais abjecto  
 Com que Satan me quer pagar a minha amada,  
 A minha doce filha... Ah! santa e immaculada,  
 Mãe de Deus! tu bem vês, tu bem sabes que esse ouro  
 Vou lançal-o de novo ao mesmo sorvedouro  
 De onde elle veio... Assim que o acho á porta, logo  
 Tomo-o... nas minhas mãos elle arde como fogo!...  
 Tomo-o, e, antes que alguém me veja, vou correndo  
 Lançal-o ao boqueirão mal assombrado e horrendo  
 Onde mora o Diabo... E' de lá com certeza,  
 E' de lá que me vem essa enorme riqueza...  
 Não t'a quero, Satan... de ti nada preciso:  
 Ella leva ao Inferno e eu quero o Paraizo...  
 Dá-me antes minha filha, ella te não faz falta,  
 E eu não posso viver sem ella... Tua malta,  
 Tua côrte infernal é já grande bastante...  
 Ao menos uma vez a uma alma supplicante  
 Attende, Lucifer...

(Recordando-se)

Mas hoje é sexta-feira...  
 E' sabbado amanha... e esta noite... Agoureira...  
 Coruja ouvi cantar seu cantico tristonho...  
 (Senta-se em uma cadeira)  
 Faz-me dormir, meu Deus! Dá-me profundo somno  
 Que me leve do mundo... E' hoje o triste dia...  
 Vem dar-me ouro, Satan...

(Deitando-se sobre a esteira do leito)

Dêsse-me antes Luzia...

Militão (no largo, fóra, embuçado, trazendo uma pequena lanterna  
 e um saquinho de ouro)

Eis a casa em que mora a velha Marianna.  
 Pobre velha!

(Deixa cair o saquinho na soleira da porta.  
 Marianna, no catre, estremece.)

Aqui tens o quinhão da semana...

Espera um pouco ainda... Amanhan... novidade...  
 Grandes novas, olé...

(Olhando o ceu; relampagos)

Porém, a tempestade

Que lá acima se armou não tarda a vir abaixo,  
 E se desanda, adeus! enche logo o riacho  
 E o meu burro não corta a correnteza... Agora  
 Vou buscal-o ao capão e de chicote e espora  
 Vellejar por ahi como em pleno oceano.  
 O que não falta é vento...

(Vai saindo, mas volta, estupefacto)

Olá! mas não me engano...

(Aparece ao fundo Luzia, como estava no  
 segundo acto, mas em desalinho, as vestes  
 rotas, os cabellos soltos, extremamente pal-  
 lida.)

A Senhora Luzia!?!..

## SCENA VI

LUZIA E MILITÃO

Luzia (estacando, assustada)

Oh ceus! estou perdida...

Militão (compassivo)

Mas, porque?

Luzia (aproximando-se, agradecida)

Deus lhe pague...

Militão

Eu nunca em minha vida

Faria tal, senhora! Era uma crueldade  
 Sem nome, embaraçar tanta felicidade...  
 Pode entrar...

(Aponta a porta)

Nada vi... nada sei...

Luzia (tomando-lhe as mãos)

Obrigada!...

Militão

Mas como conseguiu tão longa caminhada  
Fazer com este tempo e só, pelas montanhas?...  
Como saiu de casa?

Luzia

Acha por certo estranhas  
Estas coisas que fiz?...

Militão

Eu suppunha impossível  
Que alguém tal praticasse... E' realmente incrível...  
Como a menina pôde atravessar a serra  
E incolume chegar a este canto da terra...

Luzia

Minha roupa traduz o horror desta viagem...  
Mas para aqui vir ter não me faltou coragem...

Militão

Bem eu vejo... Mas como escapou da fazenda?...

Luzia (perturbada)

Nem sei como fugi...

Militão

E' uma coisa estupenda...

Luzia

E o senhor que fazia em frente a esta cabana?

Militão (apontando o ouro)

Vim trazer a pensão da velha Marianna...

Luzia

Ouro de D. Alipio!

Militão

Ouro de lei...

Luzia

Thesouro

De vergonha... de horror... de lagrimas... Esse ouro...  
Nem quero mais falar desse ouro...

Militão

E eu prosando

E os raios e os trovões lá em cima arrebentando!  
E' tempo de partir; adeus, Dona Luzia!  
Quero, de coração, que inda tenha alegria  
Neste mundo e feliz que viva muitos annos...  
Console-se. Esta vida é só de desenganos...  
E' viver, é folgar!...

(vai saindo)

E boa noite...

Luzia (abstracta)

Obrigada.

Militão (sahindo)

Que noite, Santo Deus! peste de trovoada...

## SCENA VII

Luzia (só)

Finalmente, eis-me só junto á casa querida  
Em que o tempo melhor passei da minha vida...  
Que extranha commoção me domina e entretanto  
Se choro é de prazer o copioso pranto...  
Abraçar minha mãe! vel-a outra vez! beijal-a...  
Nada o mundo possui que a esse prazer iguala!...  
Mas tenho de partir uma outra vez... e agora  
E' para não voltar... pr'a sempre vou-me embora...  
Eu tenho de morrer... Minha mãe... mas que importa,

Si para te beijar basta abrir esta porta?...  
 Vou morrer, sim, morrer... porém, morro vingada...  
 A fortuna do vil fidalgo, arremessada  
 Por minhas pobres mãos foi do abysmo no fundo...  
 E no fojo sem luz dorme um somno profundo.  
 Si não morrer... bem sei... eu serei presa e a paga  
 Hei de na forca ter do crime que me esmaga...  
 Não darei tal prazer às justças da terra...  
 Ha de esconder meu corpo o tumulto que encerra  
 Todo o ouro fatal de meu sonho de louca...  
 Basta de imprecações... Basta! Cala-te bocca...  
 Entremos!... Minha mãe!... Vou abraçal-a agora  
 E beijal-a e beijal-a até raiar a aurora...  
 (Bate de vagar na porta da casa de  
 Marianna.)

## SCENA VIII

MARIANNA E DEPOIS LUZIA

**Marianna** (adormecida; despertando, ergue-se do leito,  
 lívida de horror)

Batem á minha porta... Oh! meu Deus... por ventura  
 Quer elle em minhas mãos... Isto é sonho ou loucura?...  
 Nas minhas proprias mãos... depositar esse ouro...  
 E dizer que eu não vá lançal-o ao sorvedouro!...  
 Para que, Santo Deus! tão grande penitencia?!...  
 (Batem de novo—Marianna sai do leito)  
 Que dura provação... Mas eu morro... oh! clemencia  
 Meu Deus! clemencia!...

**Luzia** (batendo e chamando de fóra)

Mãe... minha mãe! mãe!...

**Marianna** (atirando-se a abrir a porta)

Luzia!...

(Recuando ao ver Luzia)

Será possível, tu!...

**Luzia**

Eu mesma!...

**Marianna**

E como vieste tu, Luzia?... e quem te trouxe?!...  
 Que alegria!...

**Luzia**

Mas, ninguém, minha mãe!...

**Marianna**

Oh! fala... como é doce

Tua fala... si tu não viesses, eu morria...

Fala! quero te ouvir a voz, minha Luzia...

A tua terna voz, a tua meiga fala...

**Luzia** (commovida)

Minha mãe!...

**Marianna**

Fala mais! fala mais... isto emballa

E eu preciso, Luzia, alguma luz, alguma

Claridade que espalhe a impenetravel bruma

Que encheu toda a minha alma... a tua fala brilha,

Canta, faz bem...

**Luzia**

Mamã!... minha mãe!...

**Marianna**

Minha filha!

**Luzia**

Olha, senta-te aqui, mamã, nesta cadeira.

Conversemos...

**Marianna** (sentando-se)

Mas tu has de ser a primeira

A falar... Quero ouvir toda a historia, Luzia...

Luzia

Que historia, minha mãe?...

Marianna

A tua... dia a dia...  
Porque és tu mesma, não? a minha filha, aquella  
Que partiu e deixou-me esperando por ella?...

Luzia

Eu mesma, minha mãe, perdoa!

Marianna

Minha filha!...  
Si em meus olhos, Luzia, o pranto acaso brilha  
E' tudo do prazer e do contentamento  
De te ver novamente em meu collo um momento.  
Minha filha, meu Deus! oh! quasi que não creio!...  
'Stás cansada? repousa aqui sobre o meu seio,  
Como dantes... Assim! e nunca mais, agora  
Me deixarás, não é? não te irás mais embora,  
Mais nunca! nunca mais! não é, minha querida?!...

Luzia (á parte)

A mim já não pertence a minha triste vida!...  
Pobre mãe!...

Marianna

Sou feliz!... Bem eu dizia... Nada  
Me tirou a esperança...

Luzia

Oh mãe!...

Marianna

Estás cansada?...  
Teu pobre coração com tal força palpita...  
Que temes?

Luzia

Nada, mãe! nada temo...

Marianna

E' infinita  
A bondade de Deus! Podes estar tranquilla,  
Que estás com tua mãe!... Mas que tens tu? Scintilla  
De modo estranho o olhar que me volves... Luzia,  
Negas-me alguma coisa horrivel... Oh! confia  
Teu segredo...

Luzia (caindo de joelhos)

Perdão!...

Marianna

Oh!... Perdão!... Minha filha!  
Ante uma mãe que culpa uma criança humilha?  
Levanta-te, Luzia! Oh!... levanta-te e fala...  
Fala que eu te ouvirei...

Luzia

Minha mãe! nada iguala  
Esta infinita dor que me acabrunha e mata...  
Não me trates assim... Sou uma filha ingrata!  
Já não sou digna mais de amor e de carinho...  
Pensas tu, boa mãe, que eu volte ao bom caminho?...

Marianna (com afficção)

Vais de novo partir?

Luzia (orguendo-se)

Atirei-me á voragem,  
Não me posso deter na horrorosa viagem...

Marianna

Não te comprehendo, fala...

Luzia

Ah! já me não pertence  
Minha alma e minha vida... Uma força me vence,  
Uma invencível força attrae-me para o abysmo  
E eu corro para lá num doido paroxismo...

Marianna

Ai! meu Deus! Santo Deus! Luzia, enlouqueceste?...

Luzia .

Não, minha boa mãe!

Marianna

Conta-me onde estiveste...  
E eu tremo de o saber!...

Luzia

Na gruta do meu sonho...  
Nessa que em sonhos vi... nesse canto risonho  
Todo repleto de ouro!...

Marianna

Oh! terrível certeza...  
Do espirito do mal, tu, Luzia, estás presa...  
Estás perdida, oh filha! oh minha doce filha!...  
Volta!... Ao Inferno leva essa horrorosa trilha  
Em que tu vais andando!...

Luzia

E' tarde, mãe, agora!  
Eu preciso voltar antes que nasça a aurora...  
Adeus!...

Marianna

Se vais partir, parto contigo...

Luzia

Eu vou para a mansão que tudo nullifica Fica!...  
Mas onde não é dado entrar ás almas santas...  
Não me podes seguir...

Marianna

Eu me sinto morrer... Tu minh'alma quebrantas...

Luzia

Minha mãe!

Marianna

Si esta porta  
Deixares, deixarás tua mãe aqui morta...

Luzia

Oh dura provação! oh tremendo castigo!  
Mas porque fazes, Deus! que ella soffra commigo?  
Não posso! si ficar, a morte vergonhosa,  
Numa forca, na praça, amanha... Horrorosa,  
Horrorosa visão! Oh castigo, oh tortura!  
Sinto as trevas glaciaes da morte e da loucura!...  
Não, minha mãe, adeus! Sim, que parta é preciso...  
Dar-me-ás teu perdão no dia de juizo!...

(Sai precipitadamente; Marianna, cambaleando  
sai tambem após ella.)

FIM DO 1º QUADRO DO 3º ACTO

## 2.º QUADRO

A meio de uma serra. Ao fundo, picos de montanhas; ao lado, um despenhadeiro. Pedras, vegetação. Primeiros momentos da madrugada.

## SCENA I

Fernando (só)

Vamos, minha alma! E's fraca, anima-te e prosegue...  
 Implora á escuridão dos ceus que te não cegue  
 O olhar! Avante! avante!

(Caminha para o fundo)

E' tenebroso o espaço...

Desaba o temporal com medonho fracasso  
 Sobre a terra! Meu Deus! e onde é que ella repousa?  
 Em cima de uma esteira ou em baixo de uma lousa?  
 Com o misero raptor ou em misero abandono,  
 Si é que ella já não dorme o derradeiro somno...  
 Sondemos todo o horror desta noite medonha!  
 Feliz o que repousa, o que descança e sonha...  
 Eu sonhar já não posso: a realidade horrivel  
 Aperrou-se-me á vida: o sonho é inacessivel...  
 Longe, longe de mim este ideal scintilla!  
 Esquecer, esquecer! Sentir-te, alma, tranquilla...  
 Ver bem longe de ti, bem longe, a dôr enorme...  
 Sentir que dormes, como um passaro que dorme  
 Do ninho á calentura... Esquecer um minuto,  
 E após esse minuto... a noite, o eterno luto,  
 Na eterna quietitude ou no penar eterno  
 Da morte... aberto qual um regaço materno,  
 Mas assassino, a terra, a argila, o ultimo leito  
 Onde irei repousar o coração e o peito  
 No repouso sem fim que aniquilar-me deve!  
 Esquecer um instante e nesse instante breve,  
 E nesse ultimo instante evolar-se a minh'alma  
 Para a eterna região do supplicio ou da calma...

(Pausa)

Impossivel, emtanto, acalentar-me agora...

E' preciso que eu vá, que eu siga, campo afóra,  
 Pela extensão sem fim deste mundo de trevas...

(Caminhando, a passo incerto)

Onde me levas, dôr! oh dôr, onde me levas...

(Sai)

Oh não! por Deus!  
 Passa fozas de nós

## SCENA II

LUZIA E DEPOIS MARIANNA

Minha mãe!  
 Que não pode  
 Contar-me o

Luzia

Eil-o, o fojo tremendo! o tumulto ignorado  
 Do thesouro real do meu principe amado...  
 A morte se avizinha... eil-a! O abysmo escancara  
 Para me devorar a guela hiante...

Trabalha  
 e a vida?

Marianna (entrando)

Oh pára!

Pára, minha Luzia...

Quem  
 interfere

Luzia

A morte se avizinha,  
 Oh Santa Mãe de Deus!... Minha mãe...

Que  
 não  
 se

Marianna

Filha minha!...

Luzia

Toda a côrte dos ceus me assista neste instante...

Marianna

Que queres tu dizer?

Luzia

Que não muito distante

De mim me espera a morte...

Marianna

Estás louca, Luzia?...

Luzia

Oh não! por Deus! oh não! Pudesse eu, não diria  
Essa frase de horror que me incendeia a bocca...

Marianna

Mas que fizeste tu? que acção horrenda e louca  
Que não podes viver depois que tal fizeste?  
Conta-me e eu te perdôo! oh sim!...

Luzia

Anjo celeste!

Tu sabes o meu crime, o meu enorme crime...  
Sabes a grande dor, que a minha vida opprime...  
Conheces meu viver inteiro, hora por hora...  
Sabes tudo: pois bem... eu vou morrer agora!...  
Nada peço por mim... vou ter doce repouso...  
Intercede, porém, ao Todo-Poderoso  
Em favor desta mãe, desta mãe lacrymosa,  
Que inda fica no mundo invalida e saudosa!...  
E agora, minha mãe, adeus, o adeus eterno...  
Vês este abysmo alem?

Marianna (horrorisada)

A Garganta do Inferno!?...

Luzia

Sim...

Marianna

Oh! bem me dizia o coração... Perdida...  
Perdida para sempre!... Oh filha estremeçada...  
Olha-me... ouve-me... fica...

(Cai de joelhos)

Luzia

E' muito tarde...

Marianna

Attende...

Reza... supplica...

Luzia

Não!... impossivel!... já acende  
A aurora a tenue chamma alegre da alvorada!  
Deve a luz me encontrar no abysmo sepultada...

Marianna (quasi sem voz)

E junto do teu corpo um outro corpo, filha.

Luzia

Acalma-se a tormenta... entre as nuvens já brilha  
Pelo ceu descoberto alguma estrella... e aquella...  
Aquella minha amiga e companheira bella  
Que, em prantos, tanta vez de meu carcere eu via,  
Eil-a que para mim tão languida irradia  
Pela vez derradeira e qual si por ventura  
Desta existencia o horror lá na infinita altura  
A noticia se tem!... Astro de amor! Carinho  
Derradeiro do mundo, adeus! Si no caminho  
De alem tumulo é dado um guia ter-se, eu quero  
Nos meus olhos sentir teu meigo reverbéro...  
(A' Marianna que está extatica, abraçada aos pés de Luzia)  
Minha mãe!

(Marianna ergue-se)

Minha mãe!

(Beija-a muito e atira-se precipitadamente no abysmo)

Marianna (querendo seguil-a)

Ah!...

(Cai de bruços á beira do despenhadeiro)

## SCENA III

**Fernando** (entra, correndo)

E' tarde !...

(Apalpa Marianna)

Está fria...

Morta tambem !...

(Olha o despenhadeiro)

E tu... doce e meiga Luzia,  
Minha alma, meu amor, minha unica esperança,  
Em teu leito final descança em paz...

(Tira o chapéu, põe um joelho em terra)

Descança !...

**FIM**